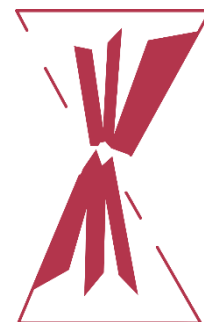


Os jogos (in)determinantes da inquietude



Três jovens praticantes da historiografia...

A gente se juntou em torno de uma curta questão, aparentemente sem verbo, com o jeito das evidências: *Historiografia, uma prática inquieta?* No decorrer mesmo da organização do presente dossiê, essa questão foi se tornando legível de maneiras outras. De primeira, poderia parecer que estávamos perguntando, “simplesmente”, se a historiografia seria e teria a capacidade de ser uma prática inquieta? Mas ao mesmo tempo, além de “ser”, ela poderia inquietar alguém – até a si mesma, quem sabe? Na sonorização, ainda fica a possibilidade de escutar a repetição do silêncio: quieta. Terceira questão em uma: estaríamos no momento de *escutar*, inclusive que a história se aquietou, tornou-se a quieta, símbolo da quietude? Longe de um “tudo”, que quase acaba com a inquietude, aqui estão apenas algumas das possibilidades de uma questão que teve suas inspirações...

No decorrer do século XIX, quando a História se tornou uma ciência e uma crença fundamental para o Ocidente, as inquietudes constituintes da historiografia não cessaram de serem atravessadas por jogos que gostariam de determinar e prescrever os rumos para a escrita da história, criticando, constantemente, seu estado atual, atribuindo-lhe historicidade. Essas atitudes modernas possibilitaram que a historiografia fosse vista como uma missão que progrediria através de crises, como uma evidência que, mesmo ao assumir a forma de um fardo, poderia seguir seu movimento. A partir da segunda metade do século XX, algumas tentativas de diagnosticar e de instigar as inquietudes, simbolizadas por viradas e giros (linguístico, ético-político, espacial, decolonial, etc.), puderam emergir, produzindo efeitos que problematizam os pressupostos modernos da historiografia. Neste sentido, se hoje podemos estudar as disputas e os silêncios que atravessam os nossos discursos, tais investigações tornam possível indagar de que formas as inquietações emergentes das

relações com a historiografia afetam historiadoras/es em sua escritura e em sua constituição como sujeitos do saber histórico.

A possibilidade de inquietar o que nos parece quieto, tornar infamiliar aquilo que nos parece próprio, aquilo que nos olha de um lugar “doméstico”, com domínio, no lar. O saber histórico como uma forma de estranhar, de tornar o passado inquietantemente familiar. Ao inquietar o passado e o presente, torna-se possível elaborar reconfigurações daquilo que se supunha sabido. Por que não estudar as diferenças que nos habitam, aquilo que nos diferencia de nós mesmos, aquilo que rasga uma imagem limpa, própria, permitindo que outras emergjam, se mudem, mobilizem-se, comovendo? Inserir estranheza no mundo, olhar suas contradições, sem a promessa de um olhar absoluto e total; forma de olhar que é situada. Inquietar, inquietar-se, gestos políticos, gestos *estéticos*!

Um desses gestos se dá na tentativa de nos distanciarmos de uma suposta hierarquia das inquietudes, que viria a definir qual delas seria primordial ou superior no saber histórico. Esse gesto se relaciona com a montagem do dossiê, que recebeu 12 “mensagens” com inquietações – conhecidas aqui como “artigos” –, e que pelos jogos constituintes e (in)determinantes, após avaliações e revisões, pode contar em sua versão final com oito artigos. Essas mensagens nos chegaram em momentos distintos no decorrer dos últimos meses, e foi assim que decidimos organizá-las, em sua (des)ordem de recebimento. Elas tocam naquilo que inquieta sem isolar a palavra “prática” da proposição. Isso pode nos implicar de outras maneiras em divisões que também constituem o saber histórico nos últimos séculos, como os recortes entre teórico e prático, abstrato e concreto, fazer a história e escrever história. Inquietar a estranheza e a familiaridade seria, aqui, a possibilidade de se problematizar a escritura e a constituição de uma *estética* historiadora. Sensível ao Outro, às diferenças, aos deslocamentos, às zonas intermediárias, ao que é indeterminável, ao que está entre dois, ao problema do sujeito do saber historiográfico. Uma *estética* da não identidade a si...

No primeiro artigo, escrito por Marcelo Fidelis Kockel, *“Por uma escrita da história mais irreverente ou o encontro entre a ironia de Borges e o riso de Foucault”*, encontramos além de um interlocutor das questões que nos mobilizam, um propositor de uma mistura entre crítica e criatividade, entre ironia e riso. Entre Borges e Foucault, o autor procura

alguns caminhos possíveis diante dos temas pelos quais a historiografia contemporânea se debate. A irreverência talvez aponte para um “entre” que, aqui e ali, venha a soar como um convite para que nós, praticantes dessa ciência, possamos problematizar gestos de saber constituintes dos sistemas de *reverência* da historiografia.

Inquietar a prática historiográfica é também direcionar o olhar para os mecanismos de poder que constituem o presente e sua historicidade. É nesta direção que o artigo de João Marcelo de Oliveira, intitulado *“Racismo de Estado, necropolítica e a produção de ‘vidas nuas’ nos dias atuais: uma introdução ao transfeminicídio à brasileira”*, articula o conceito foucaultiano de “biopoder” com as noções de “necropolítica”, elaborada por Achille Mbembe, e de “vidas nuas”, de Giorgio Agamben”, visando abordar o problema do transfeminicídio em nosso país, entre 2017 e 2021. O exercício proposto por Oliveira interroga a produção política da vida e da morte, tal como são apresentadas pelos três autores, ressaltando como seus conceitos oferecem horizontes de problematização do contexto brasileiro, especialmente nos dados sobre a violência apresentados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Ao ressaltar as especificidades das mortes que atingem estas populações, o artigo nos instiga a questionarmos a atualidade, chamando a atenção para os corpos que permanecem sendo tidos como matáveis ao nosso redor.

No artigo *“Silenciamento e voz de um mesmo corpo: o sertanejo e o cangaceiro na perspectiva de Gustavo Barroso”*, Isabela de Lorena Zaniboni expressa, desde seu título, alguns dos “sentidos” que podem atuar quando um exercício de história da historiografia se volta para a análise da noção de sujeito. Ao estudar algumas obras de Gustavo Barroso (1888-1959), a autora transforma as imagens cristalizadas do sertanejo e do cangaceiro em construções históricas, feitas de silêncios e de vozes distintas. Ao dar corpo a essa problemática, Zaniboni nos convida a questionar a autoridade da escritura da história, as formas pelas quais, hoje e ontem, construímos sujeitos e/ou objetos em nossas narrativas, e como tais objetos-sujeitos seriam dignos de possuírem quereres e desejos, voz e nome, e até biografia.

Maria Isabela da Silva Gomes, em *“A cor que suscita inquietação: os primeiros jornais de imprensa negra no Brasil Oitocentista”*, quarto artigo deste dossiê, selecionou o ano três

jornais da imprensa negra - *O Homem de Cor* ou *O Mulato* ou *o Homem de Côr, Brasileiro Pardo* e *O Lafuente* - publicados no ano de 1833. Neles, Gomes analisa as inquietantes escritas de homens negros e pardos que denunciavam as opressões e contestavam a falta de acesso à cidadania.

Como se deve escrever a história? E a história de uma guerra? O presente, durante o século XIX, poderia ser um assunto da História? Estas interrogações foram sensivelmente percebidas por Gabriel Barbosa da Silva Amorim, em *“Defender o país. Defender a história: avaliações, comentários e correções a historiografia estrangeira sobre a Guerra do Paraguai 1869-1875”*. De modo envolvente, Amorim, instrumentalizado pelo regime historiográfico, desenvolvido por Fernando Nicolazzi e María Inés Mudrovic, narra as inquietudes que levaram José Maria da Silva Paranhos Junior e Antonio de Sena Madureira a combater a história da Guerra do Paraguai escrita por dois estrangeiros.

O artigo *“De volta ao giro cultural e linguístico: as inquietações de Michel Zaidan Filho sobre a crise da história”*, de Muriel Custodio dos Passos, trata de como os chamados giros da historiografia possuem efeitos específicos que merecem receber historicidade, pois afetam de maneiras peculiares os sujeitos do saber histórico. Ao analisar o trabalho de Michel Zaidan Filho, Passos entrelaça a análise da carreira desse intelectual ao estudo de como ele reelaborou em seus trabalhos o “predomínio de análises culturais e linguísticas” que via nas últimas décadas do século XX. O artigo nos convoca a desnaturalizar as formas pelas quais classificamos as transformações historiográficas no tempo, pensando como essas mudanças podem carregar em si inquietações resistentes às transformações.

Já o penúltimo artigo *“Os Annales, as geografias modernas e a importação de ideias e conceitos geográficos de espaço pela história: interditos de naturalização e fragmentação”*, de Barthon Favatto, discute os usos da categoria de espaço entre os historiadores e geógrafos. Focalizando suas análises na Escola dos *Annales*, sem ignorar as especificidades de suas diferentes gerações, o autor observa como a compreensão e os usos que esta escola produziu da dimensão espacial se distanciaram dos debates produzidos pelo saber geográfico, sobretudo no decorrer da segunda metade do século XX. Destacando a naturalização e a fragmentação do espaço como exemplos daquilo que considera como “interditos” não confrontados pelos “Annales”, Favatto observa como se instauram os

diálogos, as convergências e as particularidades abertas entre o olhar geográfico e a prática historiográfica.

E por fim, Matheus Cavalcanti Rodrigues, em “*A História volta à Memória: conferência do Curso Capistrano de Abreu de 1953*”, inquietou-se com as operações da construção da memória. Privilegiou para este debate as conferências comemorativas ao Capistrano de Abreu, realizadas no ano de seu centenário e promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Rodrigues, ao desenvolver sua análise, refletirá as tensões da memória a partir dos trabalhos de Michel Pollak, de Pierre Nora e de Jacques Le Goff, nos oferecendo, deste modo, uma atualização da história a ser praticada naquele presente.

Desejamos que cada um dos oito artigos encontre seus leitores inquietos!

Nossos imensos agradecimentos às pessoas que participaram da escritura desse dossiê, pareceristas e Editores/as da Revista Faces da História.

Thiago A. Modesto Rudi

UNESP


thiagomrudi@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7314-2435>

Aline Michelini Menoncello

UNESP


alinemenoncello@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1784-4181>

Gabriel Pochapski

UNICAMP

gabriel.pochapski@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8586-0565>

(Nossas inquietantes) Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história*. São Paulo: Intermeios, 2019.

ANHEZINI, Karina. Arautos da História da historiografia: as disputas por um conceito de historiografia nas cartas de Amaral Lapa enviadas a Nilo Odália. *Patrimônio e Memória* (UNESP), v. 11, p. 4-21, 2015.

ARAUJO, Valdei Lopes de; RANGEL, Marcelo de Mello. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 8, n. 17, 29 abr. 2015.

ÁVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. (Org.). *A História (in)disciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DIDI-HIBERMAN, Georges. *Atlas ou o Gaio Saber Inquieto: o Olho da História III*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes? In: *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Editora Forense Universitária, 2005.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar / Das Unheimliche*, seguido de *O Homem da Areia*. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. *Small Axe: a Caribbean Journal of Criticism*. v. 12, n. 2, pp. 1-14, 2008.

HARTOG, François. *La chambre de veille: entretiens avec Felipe Brandi et Thomas Hirsch*. Paris: Flammarion, 2013.

HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

IMHOFF, Aliocha; QUEIROS, Kantuta; TOLEDO, Camille. *Les potentiels du temps: art et politique*. Paris: Manuella Editions, 2016.

INQUIETUDE. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 650.

LORIGA, Sabina; REVEL, Jacques. *Une histoire inquiète: Les historiens et le tournant linguistique*. Paris: Seuil, Gallimard, EHESS, 2022.

LE GOFF, Jacques. Foucault e a “nova história”. *Plural*, nº10, p. 197-209, 2º sem. 2023.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. *Labrys. Revista de Estudos Feministas*, n. 9, 2006.

NICOLAZZI, Fernando. François Hartog e o espelho da história: o outro e o tempo. In: AVELAR, Alexandre de Sá; BENTIVOGLIO, Julio. *O futuro da história: da crise à reconstrução de teorias e abordagens*. Vitória: Editora Milfontes, 2019. p. 121-153.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.

WHITE, Hayden. O Fardo da História. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: Editora da USP, 1994. p. 39-63.